

ESPERANTO-MODELO: o que Zamenhof quis da língua.

Marta Maria de MORAIS

Paulo Sérgio de SOUZA Jr.

(Orientadora): Profa. Dra.. Nina V. de Araújo Leite

RESUMO: Ano de 1887. Lázaro Luís Zamenhof — oftalmologista polaco e idealista de carteirinha — lança uma língua internacional. *Fiat esperanto!* Algo interessante a dizer sobre a personagem e o fato? Evidente que sim. Partiremos, então, no presente trabalho, da iniciativa de traçar paralelos entre ‘a experiência zamenhofiana com seu tempo’ e ‘seu ato de criação’, seja este o de efetivar um projeto entendido como *língua neutra internacional*¹.

Traremos a discussão sobre a representatividade do gesto desse “profeta” — que se apoiou em assuntos de ordem lingüística para constituir a sua crença —, levando em conta questões conduzidas pela psicanálise: a abordagem do que vem a ser uma língua e sua relevância no processo de subjetivação; e o registro simbólico como portador de uma incompletude indispensável (com toda a ambigüidade que o adjetivo pode comportar).

Palavras-Chave: linguagem e psicanálise – esperanto – subjetividade – incompletude

La Rêve: do plurilinguismo ao desespero

Tentemos, num primeiro momento, pôr em cena alguns pontos que nos possibilitem um contorno do posicionamento do autor com relação à diversidade lingüística, para que faça sentido que nos atenhamos, mais adiante, ao seu interesse pela proposta de uma língua internacional.

Filho de judeus, Zamenhof nasceu numa pequena cidade da Polônia (Bialistoque), em 15 de dezembro de 1859. Naquela época, o país se encontrava sob o domínio russo. E, para melhor subjugar, os russos adotavam a tática do "dividir para reinar", estimulando o choque racial, religioso e nacional, entre os diversos grupos que viviam em solo polonês. Assim, polacos, lituanos, judeus e alemães detestavam-se mutuamente e viviam em conflito. E Zamenhof viria a acreditar piamente que os entraves entre os povos — sejam eles políticos, culturais ou raciais — se deviam à variedade lingüística. Seria ela a vilã causadora não apenas dos desentendimentos num nível prático, mas da própria noção separadora dos homens enquanto pertencentes a este ou

¹ Serão trazidos aqui o texto do discurso de abertura do I Congresso Universal de Esperanto (Boulogne-sur-

Mer, França, 1905); o trabalho *Esenco kaj Estonteco de la ideo de Lingvo Internacia*, apresentado no Congresso “Association Française pour L’Avancement des Sciences”; e de uma carta dirigida por Zamenhof a N. Borokvo [original em russo, traduzido ao esperanto por V. Garlet]. Traduzi os referidos textos e, para eventual exame, mantive em nota de rodapé tal como consultados (N. do A.)

aquele grupo; e apagadora, segundo ele, da verdade sobre aquilo que todos somos por natureza: não apenas homens, mas irmãos em uma grande família (a Humanidade).

Nessa cidade, mais que em outro lugar, a impressionante natureza experimenta a pesadíssima infelicidade da diversidade lingüística e se convence a cada passo que a diversidade de línguas é a única, ou ao menos, a principal causa que separa a família humana e a divide em partes inimigas.² (p.52)

Sua crença na possibilidade de uma língua como o esperanto, ao contrário de todas as suas outras utopias infantis — que se perderam com o passar do tempo —, ele confessa ter permanecido ativa até a idade adulta. E é explícito que ela se baseava na concepção de algo perdido, mas que ele acreditava ser possível de se vislumbrar no horizonte: a harmonia pré-babélica em que, miticamente, todos *se comprehendiam*.

Na mais distante antiguidade, que já de longe se evaporou completamente da memória da humanidade, e sobre a qual história alguma conservou para nós nem ao menos o menor documento, a família humana separou-se e seus membros cessaram de compreender um ao outro.³ (p. 86)

Cabe-nos, então, pensar nas implicações dessa amalgamação — a qual poderíamos chamar, sem pesares, de confusão — que Zamenhof faz entre ‘falar a mesma língua’ e ‘compreender-se mutuamente’. As primeiras perguntas que propomos: será que aqueles que falam uma mesma língua se compreendem nesse nível proposto pelo autor? Seria o fato de não se falar a mesma língua o desencadeador de uma falácia na vida social? O que significa criar uma língua? Antes disso, ainda, criar uma língua é possível? Se sim, o é em que níveis? Bem, não pretendemos aqui responder a essas perguntas, mas percorreremos um pouco os seus arredores a fim de tirar algumas conclusões.

² ZAMENHOF, L. (1938). «*En tia urbo pli ol ie la impresema naturo sentas la multepezan malfeliĉon de diverslingveco kaj konvinkiĝas ĉe ĉiu paŝo, ke la diverseco de lingvoj estas la sola, aŭ almenaŭ la ĉefa kaŭzo, kiu disigas la homan familion kaj dividas ĝin en malamikajn partojn*»

³ *idem*. «*En la plej malproksima antikveco, kiu jam de longe elviŝiĝis el la memoro de la homaro kaj pri kiu neniam historia konservis al ni eĉ la plej malgrandan dokumenton, la homa familio disiĝis kaj ĝiaj membroj ĉesis kompreni unu la alian*»

Língua neutra: a isenção do sujeito

Quando Zamenhof postula a possibilidade de se instituir uma língua internacional, e é ousado o suficiente para acreditar na coerência de suas implantação e funcionalidade,

Mais cedo ou mais tarde será introduzida na prática um língua internacional.⁴
(p. 38)

não sugere acreditar que esteja moldando algo artificial no mesmo sentido que uma linguagem da Lógica, por exemplo. O propósito do autor não nos parece tocar o âmbito da completude nesse sentido opositivo — ou seja, que a língua internacional possibilitaria menos equívocos que as línguas naturais; que ela venha a ser completa —, até porque não concede para a língua que criou um estatuto muito diferente do das línguas naturais (exceto político-ideologicamente), bem como não diferencia segunda língua de língua materna.

Se ao homem de idade madura ordinariamente é difícil aprender bem uma língua estrangeira, isso não é absolutamente devido à construção de seus órgãos, senão à falta de paciência, de tempo, de instrutores, de meios, etc.⁵ (p. 32)

Mas, então, o que ele propõe? Vejamos um dos mandamentos que ele segue em seu projeto — o da *simplicidade* —, e voltaremos a esse assunto.

Eu salientei que a riqueza de formas gramaticais é apenas cego acaso histórico, mas não é necessária à língua.⁶ (p. 53)

A língua internacional não poderia conter grandes rodeios que dificultassem o aprendizado — como paradigmas irregulares e verbos defectivos que, por exemplo, povoam as línguas naturais. Ser fácil de ser aprendida significaria ser uma língua mais fácil de se disseminar; e, no futuro, recobrir todo o planeta, recobrando de todos o senso sobre comporem uma só família. Fica mais claro, então, que o viés de completude que Zamenhof propõe com relação ao esperanto se deve, na verdade, a ele pertencer a todos

⁴ *idem.* «Pli aŭ malpli frue lingvo internacia nepre estos enkondukita»

⁵ *ibid.* «Se por homo maturaga estas ordinare malfacile ellerni fremdan lingvon, tio ĉi ja tute ne venas de la konstruo de la liaj organoj de parolo, sed simple de tio, ke li ne havas paciencon, ne havas tempon, ne havas instruantojn, ne havas rimedojn k.t.p.»

⁶ *idem.* «Mi rimarkis tiam, ke la riĉeco de gramatikaj formoj estas nur blinda historia okazo, sed ne estas necesa por la lingvo».

indistintamente; ser uma língua de todos. Isso não significa ser uma língua desprovida de ideologia, segundo ele próprio afirma, mas sim, pelo contrário, portadora de um único grande propósito: a unificação — já que acredita que assim não haveria desentendimentos.

Dessa forma, autores observam que a língua internacional exclui, em vários âmbitos, alguma noção de sujeito. O próprio sujeito histórico, em certo sentido, é obliterado. E, contra isso, Ferdinand de Saussure insurge no póstumo canônico *CLG*:

Quem cria uma língua, a tem sob domínio enquanto ela não entra em circulação [...] O homem que pretendesse criar uma língua imutável, que a posteridade deveria aceitar tal qual a recebesse, se assemelharia à galinha que chocou um ovo de pata: a língua criada por ele seria arrastada, quer ele quisesse ou não, pela corrente que abarca todas as línguas. (p. 91)

Entretanto, ainda não acreditamos, aqui, que o gesto zamenhofiano passe pela via de apagar o sujeito histórico no sentido de que ele [Zamenhof] não acreditasse que o esperanto estaria sujeito a modificações como qualquer outra língua. Ele mesmo nos diz:

O espírito da língua, sem dúvida, com o tempo mudará muito⁷

O que Zamenhof explicita é que esse *espírito da língua*, se mantido pelos primeiros esperantistas até a língua “emplacar”, não correria o risco de se perder — o que faria do esperanto apenas uma «*malgracia kaj senviva kolekto da vortoj*». ⁸ Pensamos, então, que a proposta do autor seja, em miúdos, criar um lugar em que se *resetaria* o funcionamento lingüístico enquanto portador de variedade: criar um mecanismo de homogeneização, o que, segundo ele, só seria possível pela introdução de uma nova língua — que acabaria por servir como um *step* da língua adâmica perdida; já que a chave do problema seria de natureza lingüística. Logo, o gesto de Zamenhof em criar uma língua que chama de neutra viria para suturar um outro problema que não o da completude, necessariamente, mas sim o da diferença. E há aí uma distinção. Vejamos:

Os esperantistas mais espertos escrevem em bom estilo e totalmente igual, qual quer que seja a nação a qual ele pertence. ⁹

⁷ *ibid.* p. 56 «*La spirito de la lingvo sendube kun la tempo multe [...] ŝangigos* ».

⁸ Coleção de palavras sem-graça e sem vida.

⁹ *ibid.*, p. 56. «*La esperantistoj pli spertaj skribas per stilo bona kaj tute egala, al kiu ajn nacio ili apartenas*»

O autor, cremos, não joga diretamente com a questão do *tudo-dizer* — que, para ele, talvez?, viesse mesmo a ser uma realidade possível pela língua após a aceitação geral —, mas sim de *dizer a todos*. E ressaltemos ainda mais: *dizer a todos*, e *de um mesmo lugar*. Não nos é claro até onde essa incomensurabilidade se mantém; entretanto, tampouco são a mesma coisa, o que não nos faz recuar em estabelecer uma diferença, como dissemos.

O logro da compreensão: a compreensão do logro

Ao propor uma língua em que todos fossem reconhecidos, por conta dela, como irmãos, Zamenhof sustenta a possibilidade de que um idioma tenha o mesmo valor para cada um daqueles que o aprende. Entretanto, como pode garantir que isso aconteça — sendo o esperanto uma segunda língua —, se não ocorre nem nas línguas naturais? E qual o efeito de uma língua materna no esperanto de aquisição tardia?

Antes de mais nada, o autor não se questiona sobre a possibilidade de que, após a implantação, o esperanto viesse a ter dialetos, que tenderiam a diferenças brutais. E, por falar em dialetos, não seria o esperanto falado por servo-croatas um tipo de dialeto? — diferente do falado pelos holandeses, p.e. . O risco de que todo o processo de variedade lingüística se instaure nos parece uma complicação para o projeto de Zamenhof.

A proposta do autor não leva em conta que existem diferenças irremediáveis estabelecidas pelas línguas — não entremos no mérito de apontá-las — nem ao menos no sujeito histórico, no qual se fazem de forma muito evidente (*e.g* hipótese Sapir-Whorf; a própria noção de ‘discurso’). Nem leva em conta o pensar sobre uma língua num para-além das questões de nacionalidade. Sobre isso, a sociolingüística nos situa de forma elegante a impossibilidade de se acreditar num idioma que seja homogêneo — aponta a existência dos *idioletos*, inclusive, que trazem a diferença ao nível micro-cósmico da sociedade: entre dois que falam a mesma língua há variação lingüística. (Penco, 2004; Johansson, 2004)

Já num outro momento, pensar a língua como condição estrutural para surgimento de sujeito — agora sim, sujeito psicanalítico — nos traz mais questões sobre o que pode o esperanto fazer quando o advento do simbólico para um ser já foi possibilitado por uma língua natural: ele pode apagar essas diferenças? Acreditamos que não. Não somente é incapaz de suturar essa disparidade que há entre as línguas, como não pode se situar frente a um indivíduo como se fosse uma língua neutra: o ideal de unificação não é um ideal? Ideal de alguém, portanto. Mas, então, onde está a neutralidade? Zamenhof desnaturaliza o que ele chama de língua neutra como se ela fosse despida de origem; o que não deixa de ser curioso, pois coloca a si mesmo do

lado de fora: o próprio sujeito que a criou. Sua língua vem servir, na verdade, como uma pele de cordeiro a ser colocada sobre a língua materna do sujeito que a aprende. E sabemos que a pele de cordeiro não muda a índole do lobo.

Se olharmos mais de perto, vemos que o que a língua internacional postula é uma compreensão de palavras: fulano fala servo-croata, e sicrano fala holandês; ambos aprendem esperanto, e um “entende” as palavras que o outro diz — já que a gramática é extremamente reduzida (16 regras, apenas). E isso nos conduziria à sensação de que o autor tendia a acreditar que um idioma fosse uma nomenclatura — o que faz revirar o estômago do lingüista moderno. Ou, ainda na contra-mão da Lingüística, apenas uma ferramenta comunicativa.

Devemos toda a nossa cultura e civilização unicamente a uma coisa: à posse da linguagem que nos permite permutar pensamentos. Que seria de nós, altivos reis do mundo, se não pudéssemos pela linguagem comunicar-nos uns com os outros.¹⁰

Será, então, que o que Zamenhof quis da língua, ela pode oferecê-lo? Bem, o que o autor lhe pedia, ela não podia lhe dar. Isso porque está fora do alcance do simbólico criar uma estrutura que viesse a ser, em última instância, portadora de um ‘dizer a todos da mesma forma’. O autor quis dos sujeitos que o esperanto os fizesse a todos ‘sujeitos-de-um-mesmo-começo’. Era como se ele pretendesse suspender o funcionamento simbólico operante, a fim de implantar um outro — portador da homogeneidade. Mas não seria a boa vontade dos esperantistas, nem tampouco seu altruísmo, que possibilitariam a fuga da clivagem simbólica já posta.

Jamais o autor veria se efetivar um projeto mundial de língua neutra, ou completa, por um simples motivo: ele era tão escravo do simbólico quanto os povos que brigavam em sua cidade natal — a compreensão como ele entendia estava fora de alcance de todos, independentemente de falarem a mesma língua ou não. É o simbólico que traz consigo a incompletude (Le Gaufey, 1996) e a equivocidade às quais o sujeito, enquanto *parlêtre*, está condenado sem que lhe seja dado direito de escolha. O que Zamenhof queria, ou seja, uma irmandade em escala mundial, caso fosse possível, só lhe poderiam dar os homens — a despeito de uma língua considerada mesma por todos. A língua se apresenta de jeitos diferentes para cada um que a toma como objeto digno de atenção: a isotopia só pode ser concebida enquanto imaginária (como faz o discurso

¹⁰ ZAMENHOF, L.(1937), p. 26. «*La tutan nian kulturon kaj civilizacion ni dankas nur al unu objekto: al la posedado de lingvo , kiu ebligis al ni la interŝanĝadon de pensoj. Kiu estus kun ni, fieraj reĝoj de de la mondo, se ni ne povus, lingve komunikigaĝi unuj kun aliaj*»

científico) — projeção luminosa em fundo falso que nos possibilita uma cifragem do mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- JOHASSON, S. (2004). *The Individual and the Species in the Cultural Evolution of Language*, Bruxelas. (<http://hem.hj.se/~lsj/publicat.htm>)
- LE GAUFEY, G. (1996) *L'incompletude du Symbolique*. E.P.E.L., Paris.
- MILNER, J.-C. (1978). *L'Amour de la Langue*. Ed. Du Seuil, Paris.
- PENCO, C. (2004) *Idiolect and Context*.
(<http://www.dif.unige.it/epi/hp/penco/papers.htm>)
- ZAMENHOF, L.L. *Esperanto-modelo*. Fed. Espírita Brasileira Ed., 3ª ed. RJ.
- ZAMENHOF, L. L. (1937) *Esperanto. Esenco kaj Estonteco de la Ideo de Lingvo Internacia*. Fed. Espírita Brasileira Ed., RJ.